

O naufrágio da República Centro-Africana... “A crise mais grave que conheceu desde que se tornou independente”

Via [Europe Solidaire](#)

A República Centro-Africana (RCA) é um Estado da África Central sem acesso ao mar, com uma população estimada em 4.500.000 habitantes. É cercada por Camarões a oeste, Chade a noroeste, Sudão a nordeste, Sudão do Sul a leste, República Democrática do Congo a sudeste e República do Congo ao sul. A agricultura representa 50% do PIB : a RCA também possui muitos recursos naturais, em particular urânio, ouro, diamantes e petróleo, que são cobiçados pelo capital estrangeiro.

A interferência francesa

O país se tornou o playground das milícias armadas e o presidente Touadera tem dificuldade em estabelecer sua autoridade sobre a capital, Bangui. Sua reeleição contestada para a presidência da República em janeiro passado o empurrou para uma política autoritária. Ao mesmo tempo, ele está forjando novas alianças diplomáticas e militares.

Talvez mais do que em qualquer outro lugar, a presença da França tem sido, até recentemente, uma das mais importantes. De fato, as autoridades militares e diplomáticas francesas às vezes gerenciaram diretamente o país, que deveria ser independente desde 1960. Assim, nos anos 80, foi o Coronel Jean-Claude Manton , da DGSE (serviço de inteligência ultramarina francês) que recebeu os presidentes africanos na pista do aeroporto de Bangui, no lugar do presidente da África Central [1].

O apoio inabalável dos governos franceses aos ditadores nunca faltou. As autoridades francesas gastaram seu tempo instalando-os e às vezes os dispensando, como fizeram com Bokassa. Enquanto este último permaneceu dentro da estrutura circunscrita pela diplomacia francesa, todas as suas escapadelas foram permitidas. O Quai d'Orsay fechou os olhos para os massacres, a prisão e a tortura dos opositores. Mas quando ele tentou iniciar uma aproximação com Kadhafi oferecendo-lhe a base militar de Bouar, ele foi expulso (em 1979). [2]

Instabilidade política

A instabilidade recorrente tem marcado a vida política da RCA. Em 2012, uma aliança heterogênea composta por centro-africanos, chadianos e sudaneses, apoiada não oficialmente pelas autoridades chadianas, formou a coalizão Seleka, liderada por Michel Djotodia . Em março de 2013, ela tomou o poder após ferozes batalhas.

François Bozizé , Presidente da República Centro-Africana, que havia tomado o poder em um golpe de Estado em 2003, tentou resistir com a ajuda de um destacamento do exército sul-africano. Sua presença pode parecer surpreendente, mas é facilmente explicada. A República Centro-Africana é um dos principais produtores de diamantes e a África do Sul tem uma indústria diamantífera significativa, incluindo em particular o conglomerado De Beers. Em troca de apoio militar, Bozizé teria prometido ao então líder sul-africano Jacob Zuma concessões de mineração. Além disso, Zuma estava interessado em retratar a África do Sul como uma potência regional. Ocupar terras tradicionalmente sob a alçada do quintal da França lhe permitiu mostrar uma política anti-imperialista a baixo custo.

Mas este destacamento do exército sul-africano foi surpreendido e rapidamente dominado pela violência e a implacabilidade dos combatentes da Seleka, composta em grande parte por mercenários com anos de guerra atrás deles,

especialmente no Sudão.

O erro de Bozizé foi opor-se ao presidente chadiano Idriss Déby na gestão dos campos de petróleo na região de Vakaga, na fronteira entre os dois países. Ao dar a uma empresa chinesa a licença de funcionamento nas instalações de Gordil e Boromata, ele desencadeou represálias por parte do governo chadiano.

Uma vez no poder, os membros da Seleka saquearam a capital. Os saques, acompanhados de violência, duraram semanas, poupando relativamente o distrito comercial muçulmano de PK5 – onde a maioria dos comerciantes eram membros da Seleka muçulmana.

Em resposta, grupos de autodefesa chamados de anti-balaka se organizaram em Bangui e depois em todo o país. De ambos os lados, as milícias atacaram populações, identificando cristãos com milícias anti-balaka, e muçulmanos com Seleka. Os meritórios esforços dos líderes religiosos para tentar desarmar este surto de guerra civil foram em vão.

O exército francês interveio em dezembro de 2013 sob um mandato da ONU com, no início, uma estratégia muito questionável. Ela consistia no desarmamento unilateral das milícias, promovendo a violência do outro lado. A União Africana destacou tropas de vários países, que ficaram sob mandato da ONU com a criação da MINUSCA.

Diante da pressão internacional, Michel Djotodia renunciou em janeiro de 2014 e foi criado um governo interino para organizar eleições, que foram ganhas por Faustin-Archange Touadera, um ex-Primeiro Ministro sob Bozizé. Embora a Seleka tenha se dissolvido, suas facções se dispersaram por todo o país e controlaram regiões inteiras.

Foi durante o primeiro mandato da Touadera que foi assinado um acordo de paz entre as autoridades e catorze grupos armados. Um acordo de paz que acabou sendo inteiramente teórico e não impediu de forma alguma que a violência se instalasse em toda a República Centro-Africana.

Um país nas mãos das milícias

Embora as diversas milícias utilizem termos como “democrático”, “revolucionário”, “frente popular”, etc. nos nomes de suas organizações, seria inútil tentar encontrar qualquer ideologia, um programa político, ou mesmo algumas exigências. O único objetivo dessas milícias é poder controlar porções do território da República Centro-Africana a fim de obter renda com elas. Esta economia de guerra é materializada pela extorsão exercida nas estradas principais e secundárias contra os viajantes, assim como pelo contrabando, para aqueles que controlam as regiões fronteiriças. Finalmente, a atividade mais lucrativa continua sendo a extração de diamantes ou ouro. Para isso, as milícias escravizam a população civil, fazendo-a trabalhar em condições extremas.

Desde o primeiro mandato de Touadera, grupos armados se fragmentaram, tanto no lado de Seleka como no lado anti-balaka. Neste caos, outros grupos foram criados. Alianças versáteis são formadas entre grupos para expulsar uma milícia concorrente de um território. Alianças são forjadas com os inimigos de ontem. Assim, os combatentes Seleka e anti-balaka aliados para exercer controle sobre regiões inteiras.

Esta fragmentação também tem sido acompanhada pelo fortalecimento de grupos. Tendo-se dissolvido Seleka, os grupos que a formaram têm relações muito distantes com as autoridades chadianas.

Este fenômeno de fragmentação é acompanhado por uma tendência preocupante, a etnização das milícias. Isto pode levar a um alargamento e acentuação da violência, transformando os conflitos dos grupos armados em conflitos entre comunidades.

Um exemplo, entre outros, é a região de Vakaga, no norte do país, onde o Grupo Internacional de Crise observa : “Rivalidades entre grupos armados assumem uma dimensão comunitária, e as conseqüências se estendem para além das

fronteiras de Vakaga". Diante da superioridade inicial da FPRC, o MLCJ e seus aliados jogaram a carta étnica, mobilizando as comunidades Kara e Goula, respectivamente. Isso transformou as rivalidades entre esses grupos armados em fortes tensões comunitárias; a própria FPRC se dividiu em duas facções, uma Rounga, a outra Goula. As repercussões foram sentidas em outras prefeituras, como Bamingui-Bangoran (Ndele) e Haute Kotto (Bria), onde os confrontos entre a FPRC e seus rivais ou entre as facções Rounga e Goula da FPRC totalizaram cerca de 100 mortos, incluindo civis, desde o início de 2020. [3]

A violência que ocorre empurra as populações civis para a fuga de suas aldeias. De acordo com números oficiais, a República Centro-Africana tinha, no final de 2020, 659.000 pessoas deslocadas internamente e 623.909 refugiados nos países vizinhos. [4]

Uma presidência isolada

Quando foi eleito pela primeira vez em março de 2016, Touadera não teve festa. Ele teve que forjar alianças e compor um governo composto por uma grande parte dos líderes políticos. Com o tempo, eles se demitiram do governo e entraram na oposição. Uma das questões políticas centrais girava em torno do acordo de paz entre o governo e os catorze grupos rebeldes.

Este acordo abriu a possibilidade de representantes de grupos armados entrarem no governo. Ele também previa o estabelecimento de um exército misto entre as Forças Armadas da África Central e parte dos rebeldes dos diferentes grupos, e também um processo de desmobilização com ofertas de requalificação profissional.

Para parte da oposição, este acordo foi visto como uma aliança da Touadera com os grupos armados. As demissões sucessivas do governo enfraqueceram a presidência. Touadera reagiu lançando sua própria organização política, o "United Hearts Movement"

(Movimento Corações Unidos).

A política interna na República Centro-Africana é realizada em grande parte no exterior. Dois países tradicionalmente desempenham um papel importante: o Chade, cujas autoridades consideram a República Centro-Africana como parte de seu quintal, e o Congo-Brazzaville. Seu líder, Denis Sassou-Nguesso, exerce sua influência através de numerosos intermediários. Assim, durante o período de transição, ele conseguiu colocar à frente do país sua candidata, Catherine Samba-Panza, ex-prefeita da capital, Bangui.

Touadera se distanciou gradualmente desses vizinhos, considerados demasiado intrusivos. Ele forjou outras alianças, na África, mas também internacionalmente.

Uma nova configuração

Este distanciamento do Chade e do Congo-Brazzaville lhe permite ter rédea solta na gestão dos problemas de segurança do país. Ele se liberta, portanto, das manobras diplomáticas e das iniciativas de paz tomadas unilateralmente por esses países.

A distância da França também é notável. O tema da disputa está ligado ao embargo de armas à República Centro-Africana, que pode ser imposto a todos, inclusive às Forças Armadas Centro-Africanas (FACA). Esta discordância continua. Embora a França tenha defendido e obtido um relaxamento do embargo durante a votação no Conselho de Segurança da ONU em julho de 2020, as autoridades centro-africanas querem um levantamento completo do mesmo. Sua posição é apoiada pelos russos: “Embora o embargo de armas tenha desempenhado um papel positivo no início do conflito, agora está minando a capacidade de ação das forças de segurança da África Central, enquanto que durante este tempo os arruaceiros se armam através do contrabando, argumentou a Federação Russa. As sanções não são um objetivo em si mesmas. [5]

Quando o embargo foi aliviado pela primeira vez em 2017, os russos aproveitaram a oportunidade para se estabelecerem no país. Ao mesmo tempo, Touadera forjou alianças com Angola e Ruanda. Este último país se opõe ao papel militar que a França desempenha na África desde sua cumplicidade no genocídio dos tutsis em 1994.

A presença dos russos na República Centro-Africana marca um notável retorno ao continente. É também um meio de disputar a baixo custo a hegemonia militar da França em sua tradicional delegacia.

Oficialmente, não é o exército russo que intervém, mas uma empresa privada chamada Wagner, que despachou seus mercenários em troca de concessões de mineração de diamantes e ouro. Esta empresa, muito próxima ao Kremlin, supervisiona as forças de segurança presidenciais e cuida da proteção próxima do Faustin-Archange Touadera. Estes mercenários, em sua maioria ex-militares do exército russo, não hesitam em lutar contra os rebeldes. As operações são opacas e três jornalistas russos mandatados pela oposição foram assassinados durante sua investigação sobre as ações da empresa.

Um segundo termo caótico

Exilado nos Camarões durante a tomada do poder pela Seleka, o presidente deposto Bozizé voltou ao país com a firme intenção de concorrer nas eleições presidenciais de dezembro de 2020. O Conselho Constitucional invalidou sua candidatura por dois motivos. Ele é objeto de sanções da ONU e de um mandato internacional para “assassinatos, detenções arbitrárias e torturas”.

No início da campanha presidencial, as principais facções armadas observaram neutralidade e deixaram que a campanha se realizasse. Então, as coisas mudaram repentinamente.

Sob o impulso de Bozizé, grupos armados da Seleka e do anti-balaka iniciaram um processo de unificação. Esta nova

organização, a Coalizão dos Patriotas pela Mudança, marchou sobre Bangui para tomar o poder. Os rebeldes foram detidos in extremis nos arredores de Bangui pelas tropas presidenciais, ruandeses, mercenários russos e a MINUSCA.

Tendo sofrido uma derrota, as tropas rebeldes empregaram uma nova estratégia, a asfixia da capital, com o bloqueio da RN1, uma estrada principal. Este eixo é estratégico para o movimento de mercadorias entre Bangui e o porto de Douala, nos Camarões. Em 21 de janeiro deste ano, o exército da África Central e a MINUSCA, juntamente com os russos e ruandeses, soltaram o controle ao tomar a cidade de Boda.

Mas estas vitórias continuam a ser passageiras. Os rebeldes evitam batalhas frontais, refugiam-se no mato e esperam a partida das tropas do governo para reconquistar as cidades perdidas. Os grupos armados sabem muito bem que as forças armadas da África Central, mesmo com seus aliados, não podem controlar um país tão grande como a França. Uma tática que mergulha as populações já muito pobres em uma crise alimentar devido ao aumento drástico dos preços.

Com sua ajuda militar, Touadera está seguindo uma política cada vez mais autoritária. Ele está tentando amordaçar a oposição política, bem como as organizações da sociedade civil. Os protestos são em sua maioria proibidos e os opositores são presos.

Na República Centro-Africana, há uma continuidade da violência política iniciada durante o período colonial. Estes abusos resultaram na redução da população pela metade durante os primeiros vinte anos de colonização. [6] A independência fictícia permitiu que a França colocasse em prática presidentes que executaram todas as políticas de repressão e depredação, deixando o país drenado. A população continua pagando um preço pesado por ela.